



FEED VS. FOOD?

A pecuária vem sendo acusada pela comunidade de mobilizar vastas áreas agrícolas para produção de insumos da alimentação animal (ao invés da produção direta de comestíveis humanos) e de exagerar na adição de cereais e oleaginosas (até 20kg grãos/kg carne bovina produzida em regime de confinamento, que representa menos de 10% da produção global, por exemplo). Além disso, outros observadores, apesar de mais moderados, têm alertado que a humanidade será obrigada a reduzir o consumo de proteína animal, apesar da intensificação e dos ganhos de eficiência.

Segundo especialistas, cerca de 85% da soja é esmagada e 97% do farelo resultante direcionado à alimentação dos animais, motivo pelo qual a ideologia atribuí ao farelo a razão da produção da soja, ou seja, o entendimento enviesado é que o insumo é derivado do comestível humano (grão de soja), embora não comestível pelos humanos (paradigma do uso da terra/para animais e sua conversão/para humanos, dLUC/Land Use Change, FAO).

De acordo com pesquisadores da FAO/ONU e da Universidade de Wageningen da Holanda, a produção de 1kg da carne – oriunda das

cadeias produtivas de ruminantes ou monogástricos – pode demandar em média e respectivamente 2,8 kg ou 3,2 kg dos alimentos para consumo humano (convencionado como comestíveis), muito embora o índice de conversão (kg carne/kg comestíveis) pode variar sobremaneira, de acordo com o sistema de produção, a produtividade zootécnica e a densidade nutricional da dieta consumida.

Estima-se, inclusive, que a produção pecuária global consuma mais de 6 bilhões de toneladas (base seca) de insumos anualmente, muito embora 86% deste imenso bolo não sirva à alimentação humana (não comestíveis). Apesar de ocupar quase metade (2,5 milhões de hectares) da área agrícola total, 57% dessa terra não é agricultável por ser constituída de pastagens impróprias à produção dos tais comestíveis (FAOSTAT, 2016).

No caso dos bovinos criados a pasto (responsáveis por 90% da produção global de carne bovina), sua conversão alimentar pode parecer frustrante, no entanto, a análise mais atenta revela esse sistema um eficiente conversor de proteína vegetal ou forragens, farelos, destilados solúveis secos, polpas, melaço e subprodutos agrícolas em proteína animal ou carne.

Essa pecuária que garante o

suprimento de nutrientes essenciais (18% do consumo humano global de calorias e 25% das proteínas) e fomenta a bioeconomia por meio da geração de renda ao produtor, adicionalmente faz uso de terras marginais para transformação dos coprodutos em comestíveis. É flagrante observar, portanto, que quaisquer ganhos adicionais na produtividade zootécnica podem reduzir significativamente a expansão da área agrícola para alimentação animal.

A modelagem mencionada anteriormente e proposta pelos especialistas europeus levou em conta o ciclo de vida baseado nos processos biofísicos ao longo das cadeias de produção pecuária, considerando diversos sistemas de produção e as variadas dietas animais para ruminantes e monogástricos formuladas nos países desenvolvidos/OECD e modeladas hipoteticamente no caso daqueles em desenvolvimento/OECD.

Além disso, foram mapeadas pastagens potencialmente convertíveis em terras aráveis e aquelas não adequadas à produção agrícola, considerando a composição do solo, geografia do terreno e abastecimento de água, com intuito de estimar a diferença de rendimento entre a produção real e a potencial.

EVOLUÇÃO PREVISTA NA PRODUÇÃO DE CARNE, ALIMENTAÇÃO ANIMAL E ÁREA AGRÍCOLA (2010/2025)

2025/2010	Produção de carne	Consumo alimento animal				Área agrícola mobilizada			
		I		II		I		II	
		A	B	A	B	A	B	A	B
Países em desenvolvimento	24%	20%	17%	14%	7%	-4%	15%	-10%	5%
Países desenvolvidos	14%	12%	7%	7%	2%	1%	3%	-4%	-2%
Total global	21%	17%	15%	11%	6%	-2%	14%	-8%	4%

I = Incremento apurado na conversão alimentar de baixa performance

II = Incremento apurado na conversão alimentar de alta performance

A = insumos apropriados ao consumo humano (comestíveis)

B = insumos não apropriados ao consumo humano (não comestíveis)

Fonte: OECD/FAO, 2016

Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do
MBA/PECEGE/
Esalq/USP

Dessa forma, a área total de terra necessária foi calculada (International Institute for Applied Systems Analysis/IIASA/FAO, 2012) em razão da demanda alimentar dos animais (Global Livestock Environmental Assessment Model/GLEAM, 2013) e o inventário das emissões de gases de efeito estufa, em antecipação às tendências futuras da oferta das principais culturas e da demanda de carne/espécie animal (OECD/FAO 2016-2025, 2016), excetuando preocupações com a saúde, o meio ambiente e as alterações climáticas.

É sabido que as cadeias agroalimentares geram grandes quantidades de refugos, coprodutos e subprodutos que poluem, fenômeno esse que tende a aumentar, à medida que a população humana cresce e demanda cada vez mais alimentos processados. A pecuária, por sua vez, já consome mais de 30% desses resíduos, e decerto continuará demandando crescentemente, contribuindo fundamentalmente na mitigação do dano ambiental decorrente.

**ESSAS FERRAMENTAS DE
DESMISTIFICAÇÃO DE UM PAÍS
INJUSTAMENTE “ROTULADO COMO
POLUIDOR” SERVIRÃO NA ATENUAÇÃO
DO CÁLCULO DAS EMISSÕES DA NOSSA
AGROPECUÁRIA E, MAIS CEDO DO
QUE TARDE, ASSEGURARÃO NOSSA
COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL**

Nos últimos 30 anos, a conversão alimentar da pecuária brasileira dobrou sua eficiência por conta do avanço na formulação das dietas, da seleção genética e da evolução dos serviços veterinários voltados à saúde dos plantéis. Daqui adiante, ganhos adicionais, ainda ocultos, deverão ser revelados em resposta à incorporação crescente de aditivos inovadores e da nutrição de precisão.

O Brasil já é considerado um dos protagonistas do agronegócio global e por isso não pode pecar pela omissão. O cidadão desse planeta de recursos finitos, cujos descendentes dependerão cada vez mais da sustentabilidade, precisa tomar conhecimento das ações que culminaram na preservação do bioma nacional. Ou seja, a campanha de comunicação internacional deve divulgar que o índice de preservação das nossas terras já ultrapassa 66%, enquanto na União Europeia aproxima-se de 25%, 17% na China e apenas 13,9% nos Estados Unidos (Banco Mundial, 2014).

É incontestável que as medidas tomadas pelos agricultores e demais empreendedores brasileiros (do campo à mesa) contribuem para mitigação dos gases de efeito estufa, portanto, é justo e mandatário que tais métricas sejam incorporadas ao inventário global (atualmente em elaboração pelo Global Feed Life Cycle Assessment Institute/GFLI). Essas ferramentas de desmistificação de um país injustamente “rotulado como poluidor” servirão na atenuação do cálculo das emissões da nossa agropecuária e, mais cedo do que tarde, assegurarão nossa competitividade internacional por meio do abrandamento da inexorável precificação (CO₂-equivalente/kg produto exportado) das externalidades ambientais e da respectiva rotulagem do impacto na sustentabilidade do planeta. ■

Especialista mundial em solução de fosfatos para nutrição animal



Nº 1
na europa



Nº 2
no mundo



770 mil/t
a capacidade
de produção



mais de
40 anos
de experiência



operando em
+ de 100
países



6
plantas

phosphea
LEADING AND FEEDING

www.phosphea.com

